

resenha

DALCASTAGNÈ, Regina. *Ver e imaginar o outro – alteridade, desigualdade, violência, na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte, 2008.

Estudos literários sobre quem tem e não tem voz nem vez na grande edição nacional

Regina M. A. Machado

O percurso editorial de Regina Dalcastagnè é desses que carregam entusiasmo e responsabilização por parte tanto de colaboradores como dos leitores que descobrem os pontos de vista privilegiados em seus trabalhos.

De certa maneira, o livro que nos interessa aqui tira as conclusões que se impõem em vista de seus trabalhos precedentes, numa sequência de publicações que o escritor Luiz Ruffato qualifica de “guerrilheira”.

Anteriormente, em *Entre fronteiras e cercado de armadilhas: problemas da representação na narrativa brasileira contemporânea* e no artigo "A personagem do romance brasileiro contemporâneo", publicado na revista *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, em 2005, Regina Dalcastagnè fazia falar cifras e ocorrências cuidadosamente levantadas, que apontavam, na nossa ficção, a ausência de certos personagens ou o confinamento de outros em cenários fixos, familiares a uma classe restrita de leitores. As constatações impostas pelos números eram edificantes: o sexo do protagonista é masculino em 71,1% dos casos e sua profissão mais frequente é a de escritor (*et pour cause!*); protagonistas mulheres constituem apenas 28,9% , e se movem quase que exclusivamente dentro de casa, deixando para personagens secundárias o encargo de trabalhar, sair à rua, em funções sociais sempre desprestigiadas (empregadas domésticas) ou marginais (prostitutas). A personagem do romance brasileiro é branca, diz a autora, sempre baseada nas constatações: 79,8% brancas, contra 7,9% negras e 6,1% mestiças. Esses dados são em seguida cruzados (idade, sexo, cor, profissão, época retratada, etc.), dando um perfil mais nuançado e surpreendentemente esclarecedor da produção ficcional brasileira e do que ela exprime globalmente. Ressalvando a importância da diversidade das vozes na literatura, Regina Dalcastagnè acentua seu caráter político, ao mesmo tempo que afasta toda ingenuidade sobre um qualquer valor mimético da literatura, pois “O problema que se aponta não é o de uma imitação imperfeita do mundo”, mas o fato de que grupos sociais inteiros, ao permanecerem invisíveis nesses quadros, deixam em silêncio ou escondem na sombra inúmeras perspectivas sociais cuja ausência nos empobrece ou nos rouba valiosos ângulos de expressão artística.

Antes de passar aos artigos reunidos no volume que nos interessa aqui, retomaremos ainda uma afirmação capital do artigo acima, que nos parece ser fundamental na orientação de todos os trabalhos subsequentes e contribuir para a clareza das posições



da autora: *“A literatura é um artefato humano e, como todos os outros, participa de jogos de força dentro da sociedade.”*

No presente volume, tratar-se-á do modo como essa criação traz à cena a alteridade, sempre inapelavelmente ligada à desigualdade e à violência, mas também do fato que, se essa alteridade é sem dúvida cada vez mais representada, ela ainda é pouco, muito pouco auto-representada na produção editorial brasileira.

Os escritores analisados vão dos mais conhecidos pelo público e focalizados pela mídia e pela crítica acadêmica, como Milton Hatoum, Sergio Sant’Anna ou Drauzio Varella, entre outros, até autores menos “autorizados” (“autor” e “autoridade” sendo palavras de mesma raiz) pela recepção culta e produtora de normas e modelos.

O estudos aí apresentados se repartem pela abordagem escolhida, que no primeiro bloco é a do olhar, centrando-se no segundo bloco mais especificamente sobre a violência, para finalmente trazer à discussão o tema da exclusão. Neste último, aparecem as diferentes formas de representação do pobre na literatura atual, desde as mais cínicas, mais piegas, até aquelas que vêem a pobreza “de dentro” e como isso tudo funciona literariamente. Vamos reencontrar então as domésticas da peça de Renata Melo, celebrizadas pelo filme, e também um surpreendente texto memorialístico inédito, que, ilustrando a função de resistência da escrita, vem lembrar, seguindo-se aos romances de escritores célebres já analisados, que “o espaço textual desdobra-se em mecanismos de processamento psíquico e social de um sujeito que busca se configurar para si mesmo e para o outro, e ao fazer isso, traça um esboço do espaço social em que ocorre a enunciação.”

Como queríamos demonstrar...